ALVORADA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 254 do 6.º Ano—N.º 4

Editor, Abel de Vasconcelos Cardozo

Redacção e administração, Rua da República

Director e proprietário, A. L. de Carvalho

Guimarães, 7 de Outubro de 1915

S. da R., Capitão L. A. Pina Guimarães

Comp. e impressão, Tip. Minerva Vimaranense

O QUE É PRECISO FAZER

A forma mais eficaz de comemorar o movimento de 5 de Outubro consiste em trabalharmos todos para que a obra da República seja perdurável peia libertação das consciências e pela extinção de todos os previlégios. E' necessário para isso que os bons republicanos compreendam os seus deveres e as suas responsabilidades, que não transijam com velhos hábitos de imoralidade política. Na actual organização social o saneamento da administração do Estado constitui a base essencial de toda a obra de progresso. E apenas com muita energia, com muita abnegação, não se preocupando em criar inimigos, e não hesitando em se defrontar com as maiores infâmias os republicanos conseguirão moralizar a administração em Portugal.

Estevam de Vasconcelos

O novo Presidente da República

Tomou posse do seu lugar de primeiro funcionário da República o sr. dr. Bernardino Machado.

E' um nobre e digno cidadão!

E' um austero e apaixonado democrata!

E' um homem público culto e educado!

Nós o saudamos, tanto mais comovidamente quanto em nós é viva a confiança de que s. ex.ª com o seu alto tacto político, com o seu grande amor à República, com as suas superiores qualidades pessoais saberá conduzir o regímen a bom caminho — para honra, para glória, para felicidade desta ditosa Pátria tam amada.

Uma frase histórica...

Em 1910, depois da revolução de Lisboa, quando D. Manuel II chegava a Gibraltar, de lá escrevia uma carta, aparentando desinterêsse pelo trono e pretendendo justificar a sua desairosa retirada com esta frase de efeito: —«Retirei-me para poupar os portuguêses a uma luta fratricida, porque a minha coroa não vale sequer uma gota de sangue de qualquer dos meus compatriotas».

Esta frase, infelizmente para o môço rei exilado, nem é original nem exprime sinceridade.

Não é original porque a disse antes dêle o seu trisavô Luís Filipe, rei de França, em 1848; não exprime sinceridade porque tem fortalecido com o seu dinheiro todas as conspirações dos monárquicos portuguêses.

¿Teve ao menos mérito histórico para as tradições de família a sua retirada?

Teve, e é êste: Porque o seu parente mais velho D. João VI também fugira para o Brasil, e quem sai aos seus... não degenera.

PENSAMENTOS

«Os reis bestificados, há duzentos anos, eram feras; os de hoje, se acertam de sê-lo, escouceiam no vento e involuntariamente abrem os olhos aos povos.»

CAMILO CASTELO BRANCO.

«Um republicano é sempre mais amante da pátria do que um vassalo, pela razão que se ama sempre mais o que nos pertence do que o que pertence a um amo.»

VOLTAIRE.

«A república é o mais barato dos govêrnos. A monarquia, é, pelo contrário, o mais dispendioso.»

CONSEGLIERI PEDROSO.

«As ideas novas são como a fruta verde; o público só as aceita fazendo careta.»

SARCEY.

«Cada passo da humanidade para o progresso exigiu sempre, dilúvios de sangue e de lágrimas, hecatombes de vítimas que se sacrificam pela felicidade das gerações futuras.»

ZOLA.

A monarquia

Andam a dizer mal da monarquia
Mas sem razão, falemos a verdade;
Porque aos bons ninguém dá mais garantia
Nem pune os maus com mais severidade.

Nunca paixões de certa qualidade
Prevaleceram contra o que cumpria,
Nem consta que inspirasse a iniquidade
Despacho, lei, decreto ou portaria,

Há setecentos anos simplesmente
Que êste sistema nos governa e vêde,
Comércio, indústria, tudo florescente!

Os caminhos de ferro é uma rêde,
E quanto a instrução toda essa gente
Faz riscos de carvão numa parede,

JOÃO DE DEUS

A dinastia dos bragaças perante a história

«E' mister contar agora as comoções internas e a política internacional da Restauração, que sacrificou Portugal aos interêsses dinásticos.

. . . . . .

Não era a primeira vez, nem seria a última, que os dinastas, substituindo-se á nação, a vendiam para se conservarem a si.

. . . . . .

¡ Oh pobre Portugal, mandado por todos, ludibrio das gentes, triste nação já saqueada do que possuias no Oriente para «ganhares» a dinastia brigantina e agora ameaçado de perderes a Africa para conservares os teus reis «liberais» e forasteiros!

Eles que não tinham nas veias sangue português, não córaram de vender a nação...

. . . . . .

Mais uma vez a dinastia vendia o reino,...mais uma vez, depois de tantas, o bragança, para coservar o trono, sacrificava o reino.

. . . . . .

Não duvidára alienar o Ultramar, e subscrever a todas as exigências humilhantes...para nos dar a nós a honra de o termos como rei... Já que o destino assim o mandava, perdesse-se o reino mas ao menos salvasse-se o rei.

. . . . . .

Essa situação mimosa, e que veiu, em menos de dois séculos a arruinar de todo a nação, para conservar uma dinastia de procuradores de interesses estranjeiros, essa situação definiu-se no princípio do século actual, de um modo que forçou o monarca a fugir, demitindo-se, e a nação a protestar, insurrecionando-se.

D. João V, enfatuado, corrompeu e gastou, prevertendo-se também a si e delapidando toda a riqueza da nação.

. . . . . .

D. João IV ficou burlado; mas Angola e o Brasil, abandonados, vencidos, souberam defender-se a si próprios.

. . . . . .

Para consolidar uma dinastia, cedeu-se o Oriente aos holandêses;

. . . . . .

Foi uma sucessão de intrigantes mesquinhos, de máus doidos, ou de egoistas vulgares.

. . . . . .

E, se, porventura, as misteriosas leis da vida teem um papel na história, fôrça é reconhecer que no sangue dos bragaças não vingou a semente da nobre raça de Nun'Alvares...

OLIVEIRA MARTINS
«História de Portugal»

"OS ADEANTAMENTOS,,

O dinheiro do povo e a voragem rial

Nota dos *adeantamentos* a descoberto, em que não entram os da sr.ª D. Maria Pia nem muitas outras dádivas da mesma natureza:

Débito verificado pela comissão que apresentou a liquidação em 1895.	227:000$00
João Franco, 1890 . .	40:000$00
A. I. da Cunha, Dias Ferreira e Fuschini (1891 a 1893)	369:000$00
Hintze Ribeiro (1894 e 1896)	376:400$00
Manuel Afonso Espregueira (1899-1900 e 1904-1905)	31:500$00
Anselmo de Andrade (1900)	896:000$00
Matoso Santos (1903-1904 e 1906) . . .	164:000$00
Rodrigo Pequito (1904).	107:000$00
Penha Garcia (1906) .	1:800$00
Ernesto Schroter (1906)	28:000$00
Martins de Carvalho (1907)	121:000$00
	2.521:800$00

¡¡¡Dois mil quinhentos e vinte e um contos e oitocentos mil réis — *pela moeda da época—arrancados à miséria do povo para gáudio do regabofe monárquico.*

Como os quiz liquidar João Franco

Artigo 1.º—A conta de réis 771:715$700, proveniente dos abonos feitos à administração da fazenda da casa rial, sob a rúbrica *adeantamentos pelo ministério da fazenda*, será encerrada pela seguinte forma:

E a forma era esta:

Reduzir, como se vê, a menos de um terço os tais «adeantamentos», aumentar a lista civil em mais 160 contos por ano, passar para o Estado encargos da casa rial, brindar a marinha com um hiate que já havia pago, etc., etc.

O comentário dos monárquicos

«Não é natural que tudo isto acabe como se julga:—ficar o rei com os seus *adeantamentos liquidados e a sua lista civil aumentada em mais 160 contos de réis*, e ficar o seu homem de *caractére* com um partido arranjado à custa do desmoronamento e do descrédito dos verdadeiros partidos. Não é natural».

(Do *Correio da Noite*, de 8-1-908.)

«A casa rial, *em todos os tempos esbanjadora*, tem tido nos últimos anos *muitos singulares apertos de dinheiro.*

. . . . . .

A casa rial *poderá ter os seus adeantamentos, e ver aumentada a sua lista civil.* Mas no país ficará, todavia, um fermento de ódios que nem o profundo abastardamento dos caracteres pode evitar que surtam o natural efeito.

(Do *Diário Popular*, de 29-1-908).

«*Havia adeantamentos a liquidar* e havia uma bolsa, espécie de tonel das Donaides, para onde nos obrigaram a deitar *mais 160 contos de réis por ano...*

(Do *Correio da Noite*, de 10-1-908).

Bílis monárquica

«Expulsemos êstes malandros, êstes despresíveis bandidos. Para tais patifes todos os meios são bons. E' a arma de fôgo, o punhal, a navalha, o machado, o forcado, o pau, a pedra, a pólvora. Tudo, tudo! A fôgo! A tiro! A tudo! A' morte todos os maçons, todos êsses bandidos, todos êsses traidores, todos êsses assassinos! A' morte! A' morte! A' morte!»

(Dum manifesto apreendido aos conspiradores em Outubro de 1911.)

Profetando...

. . . . . .

O rei falhara. Nulo, insignificante. Pedir lhe génio, heroismo, grandeza, sublimidade, — o mesmo era que pedir astros a uma couve ou raios a uma abóbora.

A existência da pátria dependia da revolução.

O rei não pode, não soube, ou não quiz faze-la.

Em suma, não a fês. Perdeu-se. Que restava? Faze-la o povo. Não a fazendo, perdia-se também.

O rei, em vez de cortar o cancro, identificou-se com êle. Chaga maior, operação mais grave.

Já ninguém suprimirá o cancro sem suprimir a rialeza.

O republicanismo não é aqui uma fórmula de direito público; é a fórmula extrema de salvação pública. No prédio em chamas há só uma janela aberta. ¿Preferem os monárquicos morrer queimados por a janela estar pintada de vermelho? Fôsse de branco, que eu saltaria sem escrúpulos.

Republicano e patriota tornaram-se sinónimos.

Hoje quem diz pátria, diz república. Não uma república doutrinária, estupidamente jacobina, mas uma república larga, franca, nacional, onde caibam todos. Não dum partido, da nação. Presidente, o melhor. Foi acaso miguelista? Embora. Uma revolução por selecção de caracteres.

. . . . . .

A' volta de mim vejo monturos, dentro de mim encaro cinsa. ¿Tudo acabou, não é verdade? Melancolicamente revolvo a cinsa, poeira de quimeras, e uma flámula fulge, uma brasa crepita...Não quer apagar-se. Mesmo dentro de nós túmulos cerrados, continúa ardendo. Amanhã de tais campas podem brotar ainda lavaredas.

. . . . . .

1896—GUERRA JUNQUEIRO.

A República e os operários

Os operários portuguêses deram todo o seu esfôrço para a implantação da república, amam-na profundamente, e nunca quererão uma monarquia que sempre os esqueceu, recusando lhes instrução, liberdade e justiça.

G. J.

O rei traidor à Pátria

Quando seja permitido um dia, sem reservas fácilmente justificáveis, que o bom senso do povo compreende, fazer-se a história da monarquia constitucional, sobretudo desde 1870 a 1910, a nação, horrorizada, poderá medir a hediondez dum règimen, para cujos supremos representantes a conservação do trono justificava mesmo a lei que não fôsse imposta pela vontade nacional. (Manifesto do Directório—1911).

Nesse dia, os nossos filhos julgarão dos que defenderam a monarquia e dos que defendem a República. Por mim, não recearei que sôbre a minha sepultura vão gritar que menti e caluniei, por ter jurado, como juro, pela minha honra, que D. Manuel quiz vencer os republicanos portuguêses socorrendo-se do auxílio e da fôrça de estranjeiros, *Não o conseguiu porque todas as suas tentativas resultaram infrutíferas. Os tempos mudaram; julgava o rei deposto que 1910 era 1847. Enganou-se. Mas nem por isso merece menos o nome de traidor.*

. . . . . .

JOÃO DE MENEZES.

A revolução republicana anunciada pelos monárquicos

«A grande massa da família portuguêsa é republicana no seu culto interno, íntimo; na sua consciência; na sua aspiração patriótica. Uns, por convicção, por evolução intelectual e educativa: são os apóstolos primários. Outros, por confronto, pelo repúdio da forma política existente: são os descontentes. Muitos, pelo grito da dignidade, que os acusa de coniventes de tantos êrros, de tantos crimes, se não extremam a sua responsabilidade, vão saltando para fora do campo pesteado.

Esses formam, hoje, o maior número, e são os que vão dando o pulo imposto pela sua consciência e realizado pela sua hombridade.

. . . . . .

A idea republicana em Portugal é uma idea triunfante, que um incidente favoravel pode e há de, de um momento para o outro, converter em realidade.

. . . . . .

E' porisso que ontem diziamos e hoje repetimos—que a idea republicana se converteu numa idea nacional.»

(Da *Epoca* de 18-1-908.)

«¡...E quantas vezes, a um sol quente e radiante... sucede, inesperadamente, medonha tempestade, em que fuzilam os relâmpagos e em que estremece a própria terra, ao rimbombar do trovão!»

(Do *Correio da Noite*, de 4-1-908).

«Disse el-rei, com muito assentimento nosso, ao sr. Galtier que o parlamento era um *gâchis;* disse, com o sorriso nos lábios que tudo isto, toda esta agitação era apenas uma manobra dos políticos; mas o que sua magestade não disse, porque ninguêm tal ousou ainda dizer, foi que o povo português tivesse nas veias lama em vez de sangue. Ora como é verdade ter sangue, que embora depauperado, não é ainda dos peores—e como só um povo de lama poderia suportar, longamente, semelhante estado de coisas—vem daí a nossa persuasão de que esta ditadura há de ter um fim excepcionalmente ruidoso.»

(Do *Correio da Noite*, de 8-19-80).

A DESORDEM POR LEME

Em 1912, foi lida no parlamento esta carta:

«Ex.mo Sr.—As declarações da grande maioria do clero, que leio nos jornais, levam-me a supor que aí se prepara uma resistência contra a tirania demagógica que nos domina. E como a união faz a fôrça, dirijo-me a V. Ex.ª para lhe perguntar se não se afigura vantajoso tratarmos de um entendimento.

Seria bom, parece-me, a conjugação de esforços, quer com respeito à forma de acção, quer com respeito ao momento de actuar.

O golpe que daqui se prepara convém precedê-lo por agitações e conflitos, *por forma que não provoquem repressões violentas desde logo, mas deem a idea (aliás verdadeira) de que todo o país se encontra em estado revolucionário latente, e* ***incomodem e atrapalhem o govêrno e introduzam portanto a confusão, a hesitação, o enfraquecimento*** *nas medidas de defesa que êle está procurando adoptar. Visto a altura em que temos os nossos preparativos, essas* ***agitações e conflitos locais*** *podiam ir principiando desde já; e em tal sentido escrevo hoje mesmo a alguns influentes do norte. Se V. Ex.ª concorda, peço a sua valiosíssima cooperação e impulsão neste sentido. Sou com a maior consideração e simpatia—De V. Ex.ª admirador e amigo muito obrig. (a) H. Paiva Couceiro.*

¡E há de o novo regimen devotar-se à administração do estado, quando uma corja vil, ousada e numerosa, que há cinco anos não vem fazendo outra coisa senão lançar a desordem no país—por um requinte de esverdeado ódio ou de toleima criminosa!

PALAVRAS QUE SÃO DE HOJE

. . . . . .

Está por fazer ainda a República, é certo; mas o ímpeto da arrancada vale bem pelo que ela deverá ser. Unidos ou separados—que importa!—temos que caminhar intrépidos e confiados para a realização da obra a que vimos, desde largos anos, sacrificando a vida, a tranquilidade e o sôro de todas as nossas esperanças. Porque nos scindimos? ¿Porque é que os herois de há um ano—alguns dêles principalmente!—são hoje réprobos e já precitos? Não vale a pena inquirir, ou antes, fôra dolorosíssimo fazê-lo. ¿Teremos, dentro em pouco, de pelejar contra velhos irmãos de armas, sócios de mil passadas porfias, em que a Desgraça nos unira com o mesmo ímpeto com que o Ódio hoje promete afastar-nos? Embora! E, porque as armas ainda estão quentes, não as estranhará a mão calejada do soldado que as há de pulsar. E' cedo ainda para que os veteranos hajam de regressar tranquilos à charrua áspera que deixaram na viuvez do seu casal. Ainda é cedo. Nossos avós foram mais experimentados, e foi mais dura e mais tardia a cama em que dormiram em paz o seu primeiro sono. Dois dias depois de proclamada a Constituição em Lisboa, o conde de Amarante, em Chaves, levanta o seu pendão de guerra contra os liberais. Três dias depois, a 29, é o Supremo Govêrno do Reino quem prega a desobediência no grito de 24 de Agosto. E' o país todo em guerra—guerra que só quatorze anos depois, em Sines, terminára. ¿Porque havíamos de ser nós mais felizes?

. . . . . .

1911—JOSÉ CALDAS.

Couceiro, "o traidor„!

Em 18 de Março de 1911, Couceiro dirigiu ao Govêrno Provisório uma mensagem que dizia assim:

"E se é verdade que motivos de interêsse e de rivalidade internacional nos tem até agora conservado as relativas boas disposições do govêrno francês e principalmente do govêrno britânico, não é menos verdade que se encontram suscitadas contra vós as más vontades activas e declaradas da Espanha, *a quem incomoda e contraria a visinhança próxima de irrequietismos sugestivos dentro de instituições diversas das suas,* e da Alemanha, que julga asado o ensejo para a partilha do nosso património colonial, *previsto pelo seu antigo acôrdo com a Inglaterra.* Ambos êsses adversários trabalham, *e nem os interêsses da monarquia castelhana, nem a resistência da pressão alemã junto do govêrno inglês, no sentido dos seus ambiciosos projectos, constituem decerto, segredos para vós„.*

¿E como procede êste Nun'Alvares de via reduzida em face dos dois declarados adversários — a Espanha e a Alemanha?

Refugia-se na fronteira espanhola, arma a sua tropa fandanga com material das fábricas espanholas, e faz o jôgo da Alemanha porque sabe que a Inglaterra viu com bons olhos a revolução que proclamou a República em Portugal.

¡E digam que Couceiro não é um traidor!

Depoimentos... em "abono„ dos monárquicos

«...Não há ninguêm, por mais leigo que seja em despesas públicas, que não saiba ou pressinta que nada menos de um quarto da receita do tesouro, nos últimos dez anos, tem tido aplicação que não pode vir a lume...»

Palavras de Dias Ferreira, presidente do concelho, proferidas em 1903.

*

«Quem são os progressistas?... Os antigos insultadores do rei; os que apodavam infamemente o manto do monarca; os que caluniavam a vida particular do soberano, atribuindo a motivos vergonhosos os seus actos públicos e políticos; os descarados que se atreveram a perguntar à sr.ª D. Maria Pia de Saboya com que dinheiro desempenhava as suas joias do Banco; os histriões insensatos que cuspiram ameaças torpes sôbre as cabeças das *louras crianças,* como êles diziam; essa coorte de difamadores e de miserandos bate hoje contritamente nos peitos, ajoelha-se aos pés da sua vítima, esburga famelicamente os olhos que lhe atira, e, engulindo as suas venenosas diatribes de ontem, expectora as pôdres lisonjas que a barriga farta lhe inspira.»

Conde de Valbon, antigo progressista.

¿Quem eram todos na opinião de D. Carlos? Políticos que não ofereciam nenhumas garantias de caracter, como êle disse na célebre entrevista de Galtier.

«¡Pelo poder teem atravessado verdadeiras quadrilhas de ladrões!...»

Dias Ferreira.

PALAVRAS
—DE—
Ramalho Ortigão

«Nada mais funesto para os costumes do que ensinar às mulheres que há instituições especiais para o serviço de Deus, para a conquista do céu, para a remissão da culpa. O posto digno da mulher cristã é em sua casa ao pé dos seus filhos.

Os exercícios espirituais e as contemplações místicas escurecem a alegria doméstica, alvoroçam a virtude, perturbam a consciência.

Na sociedade actual a mulher pertence, integralmente, com toda a responsabilidade do seu destino, á missão sublime da regeneração do homem pela atracção do lar. Desviar sob qualquer pretexto que seja a atenção da mulher dos interesses da família é cometer para com a moral um sacrilégio. A casa conjugal também é um templo, e a maternidade é uma religião.»

Dir-se há que o escritor se arrependeu de escrever estas e outras coisas no mesmo sentido.

Engano. Aos 75 anos ninguêm conscientemente tem o direito *de negar o que produziu aos 40—na pujante clareza e rebeldia do seu caracter, da sua inteligência e da sua vontade.*

Contrastes

A família rial portuguêsa custava anualmente ao país, *só nas verbas da sua dotação,* 685 contos de reis anuais.

Usufruia também os rendimentos dos chamado *bens da coróa* quintas, matas, palácios e joias.

O presidente da República tem a dotação de 18:000$00 (18 contos).

OS JESUITAS (I)

O seu catecismo

A *Mónita Secreta* é o catecismo secreto dos Jesuitas, que, interessados nisso, teem negado o texto respectivo.

Este documento foi coleccionado sôbre o manuscrito latino proveniente da sucessão do padre Brothier, último bibliotecário dos jesuitas de Paris antes da revolução, e está conforme à edição de Paderborn de 1661, assim como ao manuscrito autêntico que se encontra nos arquivos do reino da Bélgica, no palácio da justiça de Bruxelas, sob o seguinte título:

Secreta mónita ou advis secrets de la Société de Jésus(2).

Eis a história dêste manuscrito, ao qual falta uma fôlha, e que está catalogado sob o número 730.

Por ocasião da expulsão dos jesuitas, em 1773, esta ordem possuia nos Países Baixos, entre diversas propriedades importantes, um colégio em Ruremonde, província do Limburgo holandês. O govêrno nomeou uma comissão para tratar da liquidação dos bens da Companhia, e o conselheiro Zuytgens foi enviado especialmente a Ruremonde, a fimde proceder ao inventário.

Sendo, porêm, suspeito de pretender, por complacência para com os padres, esconder certos livros, recebeu da Comissão ordem expressa para remeter imediatamente e sem excepção todos e quaisquer papeis. Entre êles foi encontrado o manuscrito da *Mónita Secreta.*

A prova de tudo isto acha-se nos arquivos de Bruxelas, no *Protocolo das deliberações do comité estabelecido para tratar dos negócios resultantes da supressão da Sociedade dos Jesuitas, nos Países Baixos.*

A *Mónita Secreta* divide-se em capítulos, dos quais vamos, em resumo, dar as principais instruções:

CAPITULO PRIMEIRO

Para captarem as simpatias dos habitantes da povoação em que pretendem estabelecer-se (os jesuitas) torna-se necessário praticar actos da maior humildade, visitando os pobres, os aflitos, os prêsos, fazendo-se amar pela prática de acções caritativas, dando esmolas aos pobres; não adquirir terreno senão a título de empréstimo e extorquir às viuvas ricas as maiores somas, fazendo-lhes ver a sua extrema necessidade.

CAPÍTULO SEGUNDO

Travar relações com as pessoas principais da povoação e animá-las, mesmo nas suas acções odiosas, para depois se fazerem seus protectores e aliados; captar as graças dos príncipes e dos seus criados, oferecendo a êstes pequenas dúvidas para conhecerem as inclinações dos amos; descobrir os pensamentos mais secretos das famílias por meio das criadas de quarto.

CAPÍTULO TERCEIRO

Procurar a protecção dos poderosos, empregando-a contra os inimigos da Companhia e servir-se, em segredo ou tacitamente, dos nomes dos grandes na acquisição de bens temporais.

CAPÍTULO QUARTO

Não se intremeter nos negócios públicos, metendo porêm neles amigos dedicados e poderosos; pesquizar e publicar com prudência as faltas dos outros religiosos, fazendo oposição áqueles que pretendam fundar escolas para instruir a juventude.

CAPÍTULO QUINTO

Evitar a instalação das escolas estranhas à Companhia, a quem deve ser exclusivamente confiada a mocidade, fazendo-se crer aos príncipes e aos magistrados, que só o seu ensino evitará a perturbação dos estados.

Finda no próximo n.º. Mas, entretanto, vá vendo o leitor a ambição de domínio e a ausência de escrúpulos dos *santos* filhos de Loiola que a nossa terra viu surgir aí num casebre das Dominicas e aparecer anos depois num palácio em Santa Luzia, absorvendo todo o prestígio do clero — pois não havia ensino, confissão, missa, sermão, catequese, etc. etc., como o que vinha do *santo* jesuita.

(1) Estudo escrito por A. Andrei, em seguida à revolução de 1870 e numa ocasião em que os Jesuitas mais trabalhavam para fazer da França o *seu Albergue.*

(2) Nota do tradutor: «O dr. Melo de Morais, afirma na sua *Corografia Histórica do Império do Brasil,* que na biblioteca do Rio de Janeiro existe um autógrafo da *Mónita Secreta,* que o padre Frei Caminho do Monte diz ter sido encontrado no colegio dos padres da Companhia, em Lisboa, no ano de 1759.»

Excepção

Informaram-nos que, contra o estabelecido pelas agências dos bancos, o feriado nacional de 5 de Outubro não foi respeitado pelo agente do Banco de Portugal nesta cidade.

Este facto tornou-se motivo de reparo na nossa praça.

5.º aniversário da República

—

Os republicanos de Guimarães reunem-se em festa íntima para solenizar o triunfo revolucionário de 5 de Outubro

O povo republicano, não obstante a funda mágoa que nêstes agitados e incertos 5 anos de regimen novo os timoneiros da política e da governação nacional por vezes lhe tem inflingido; não obstante os êrros cometidos, as promessas não realizadas, as decepções curtidas, o povo republicano continua a vibrar de intensa fé nêste dia sobremodo glorioso para quantos sentem bater dentro em si o coração vivo da Pátria e dela sentem que são filhos.

E', pois, de júbilo e também de protesto — para que nega-lo! — a passagem dêste 5.º aniversário, em que se comemora o advento da República em Portugal.

De júbilo, porque a revolução foi um exemplo grande, austero e salutar, oferecido por êste povo às nações cultas; de protesto, porque a revolução ainda deixou de pé muitos prejuisos do passado, sendo um dêles a perniciosa influência dos caciques; de júbilo, porque a cultura de civismo está sendo outra, a educação na escola está sendo outra, a preparação do futuro está sendo outra; de protesto, porque muitos dos apóstolos da Repúbica falharam, já trocando a pureza dos seus ideais pelo prato de lentilhas, já bandeando-se com os nossos adversários no modo de fazer oposição; de júbilo, finalmente, porque a revolução de 5 de Outubro de 1910 foi a expulsão dos jesuitas e das congregações suas sinónimas, foi a lei do Separação do Estado das Igrejas, foi a lei dos acidentes no trabalho, foi a lei da regulamentação do trabalho; foram as leis do divórcio, da protecção aos filhos ilegítimos, à mulher traída, e tantas outras leis e tantas outras medidas realizadas nêste período de 5 anos, e que o outro regimen, que havia caído no atoleiro do roubo, do descrédito e da ignominia, quando *milagrosamente* podesse subsistir, jámais teria realizado em 5o. Jámais!

Eis porque se reuniram em festa íntima na noite de 5, num restaurante da cidade, os elementos republicanos mais populares —aqueles que, sendo filhos do povo, são os portadores autênticos das suas qualidades e dos seus defeitos, do seu sentimento e do seu coração, das suas alegrias e das suas tristezas.

*

Em duas mêsas paralelas tomaram lugar trinta e dois dos nossos dedicados correligionários, vendo-se a sala ornamentada com escudos, palmas e bandeiras nacionais, mostrando aos lados os retratos do novo presidente da República e do sr. dr. Afonso Costa.

Seriam 21 horas, e o serviço de mêsa decorre entre ditos alegres expansões de franco convívio, vendo-se ali bem expresso quanto é forte e íntima a satisfação por se estar entre irmãos no mesmo credo, experimentando a mesma fé, porventura a mesma emoção dos factos e dos homens que nos dirigem.

E', enfim, chegada a vez de levantar as taças, de pôr os corações ao alto elevando saudações pelos que se bateram heroicamente nessa jornada magnífica de Outubro, em Lisboa, vibrando de contínuo aclamações à Pátria e à República, ao presidente eleito, a Afonso Costa. E como a hora política que se atravessa é de decisões e é de franqueza, há palavras que são clamorosos protestos, num desabafo intenso porque a verdadeira e honrada vida da República se inaugure definitivamente para bem da nação, desalentada dos seus governantes, receosa dos seus destinos.

Neste sentido falam A. L. de Carvalho, Diamantino da Costa, Augusto Fernandes, Serafim Rodrigues e outros, num remate de aclamações as mais vibrantes, as mais entusiásticas, as mais sentidas.

Assim terminou a festa comemorativa do 5.º ano do advento da República em Portugal—porventura a festa mais republicana a que temos assistido depois do triunfo.

Data nacional

Por motivo da pasagem aniversaria do 5 de Outubro, tiveram as suas bandeiras hasteadas as associações de classe operárias, Associação Comercial, Bombeiros, Ordem de S. Domingos, estabelecimentos públicos, centros republicanos, juntas paroquiais da cidade, etc.

Iluminaram á noite a Câmara, Centros, Ordem de S. Domingos, Associação Comercial e algumas casas particulares.

Subiram ao ar alguns foguetes, e uma banda de musica arruou, tocando depois no jardim público até às 21 horas. Fechou o concerto com o hino nacional, a «Portuguêsa», que foi ouvido com respeito.

NAS TAIPAS

—

Lançamento da pedra basilar para um grande hotel — Abertura duma nova Avenida—Inauguração dum Centro Republicano—Melhoramentos locais — Banquete

Com frisante solenidade, realizou-se no pretérito domingo a anunciada festa das Taipas. Revestida de intuitos patrióticos e bairristas, a ela se associou a parte inteligente da população dessa linda e acreditada estância termal, cuja vontade de prosperar e de progredir é manifesta.

Não observamos domingo, é certo, aquele alvorôço de festa, aquela ruidosa concorrência popular que ainda há pouco, a propósito da inauguração duma igreja, ali se viu; mas tal sintoma não serve de modo algum a confundir a significação magnífica da festa a que tivemos a honra de assistir.

Enquanto a abertura duma igreja tem apenas um valor para ser observado no campo das especulações abstractas, a iniciativa dos melhoramentos ali encetados tem sôbre a mesma a vantagem de impulsionar, de alevantar a terra, contribuindo implicitamente para atrair ao seu seio uma maior concorrência de aquistas.

Depois da grande e profunda transformação porque passou o novo estabelecimento termal, uma obra se impunha realizar na estância das Taipas, valorizando, ou melhor dizendo, completando com ela o modelar estabelecimento. Essa obra, indicada pelas necessidades mais indeclináveis e urgentes—era um bom hotel.

Bem andou, pois, a empreza deliberando meter ombros a êsse grande empreendimento, certa que isso será mais um motivo de preferência ao uso dumas águas que com justificado parecer já hoje são reputadas como sendo umas das primeiras do país.

Obra moderna, sujeita às mais rigorosas condições de higiene e asseio, pode dizer-se que o hotel, cuja primeira pedra foi festivamente lançada, será em tudo um edifício sumptuoso e elegante, se, como é para desejar, fôr respeitada a planta.

A avenida, já aberta em esbôço. destina-se a servir de traço de união entre o estabelecimento termal novo e o antigo, o que de certo modo vem pôr em contraste duas feições características da sua colónia aquista.

*

Não quizeram os nossos dedicados correligionários taipenses deixar de acompanhar êste movimento de progressos locais—sendo um da iniciativa da empresa e outro da Câmara Municipal. Para isso resolveram fazer a inauguração dum Centro Republicano, do qual teem em vista fazer um baluarte de doutrinamento democrático, instalando nele ao mesmo tempo um curso nocturno de ensino primário.

Pode e deve êsse centro, quando assim seja orientado, produzir benéficos frutos para a grande obra de regeneração nacional em que o novo regimen anda empenhado.

Eram êstes três empreendimentos locais por si sós motivo suficiente para tornar simpática a festa realizada domingo nas Taipas. Quizeram porêm dar-lhe mais brilhantismo e, para isso, fizeram convidar os deputados por êste círculo srs. Augusto José Vieira e João Lopes Soares, o ex.mo ministro do fomento, governador civil, presidentes da Câmara, autoridade administrativa e os representantes da imprensa. O ilustre ministro do fomento, anuindo ao dedicado convite, fês-se representar pelo deputado sr. dr. Domingos Pereira, o qual presidiu a todos os actos, tendo sido recebido à entrada da povoação, bem como as demais pessoas representativas, por muito povo, pelas crianças das escolas empunhando bandeiras das cores nacionais, a direcção do estabelecimento e o seu digno director sr. dr. Alfredo Fernandes, Junta de Paróquia, etc.

Organizado um cortejo, que fechava por uma banda de música, dirigiu-se êste para a sede do Centro Republicano, onde se efectuou uma sessão solene inaugural, havendo presidido ao acto o sr. Bento d'Oliveira, governador civil substituto.

Seguidamente o mesmo cortejo seguiu para o local onde se fês a ceremónia do lançamento da pedra basilar para o grande hotel termal, lendo-se aí um auto qne foi por todos assinado. Usando da palavra o representante do ex.mo ministro do fomento, exalçou essa iniciativa, que tinha não só o mérito de servir os interesses duma empresa, mas também dum modo inequívoco os interesses duma localidade digna de prosperar e de se engrandecer.

Teve depois lugar a abertura da avenida nova, falando não só o clínico da empresa sr. dr. Alfredo Fernandes, como o sr. José Rodrigues Leile da Silva, representante da Câmara, cortando êste o cordão que a interceptava.

Realizou-se, por último, o banquete, cujo *menu* foi o seguinte:

Sopa de pureia; Pasteis de galinha; Peixe assado com pureia de batata; Escalopes de vitela com cogumelos; Maionese de lagosta; Legumes; Perú assado com agriões.

Pudim; Sopa dourada; Doce sêco, queijo, frutas diversas; Café e vinhos;

Ergueram-se diversos brindes, fazendo todos calorosas saudações á terra das Taipas pelo desejo de a ver tirar do seu amor bairrista um amor acendrado e grande à República.

Notas—Tanto no final do banquete como nos demais números, subiu ao ar muito fogo de artifício.

—A banda regimental de infantaria 20, que tomou parte nesta festa, tocou num coreto em frente ao hotel onde se realizou o banquete.

—O deputado sr. Augusto José Vieira não pôde tomar parte nesta festa.

Notícias

—

Cinematógrafo—Principia no próximo domingo, no teatro Gil Vicente, a funcionar o cinematógrafo que durante o verão esteve fechado.

Afirmam-nos que a empreza «Central Chantecler», não se poupando a trabalhos, exibirá no referido cinema películas de grande valor educativo.

*

Ainda os últimos acontecimentos—Vem a Braga e Guimarães o sr. dr. António Carlos Alves, investigante aos acontecimentos de Agôsto, nas referidas cidades, e que aqui vem efectuar umas diligências. Acompanha-o o seu secretário sr. José Bento Correa Aranha.

*

Falecimentos—Em Vizela sucumbiu repentinamente, na tarde de segunda feira, o sr. José Ramos, alferes, chefe de banda reformado do exército e professor de música do Internato Municipal.

*

Faleceu hoje o sr. António José Ribeiro (Bravo), que durante longos anos exerceu o cargo de escrivão das execuções fiscais, neste concelho.

A's famílias em luto, enviamos sentidos pêsames.

*

Intima—Esteve entre nós, na passada segunda feira, o ilustre deputado por êste círculo e ex-governador civil dêste distrito, snr. João Lopes Soares.

*

Escolas Centrais—Reabriram ontem as Escolas Centrais.

SUBSCRIÇÃO

Promovida pelos gráficos da Minerva Vimaranense em benefício do seu colega Joaquim Feliciano Plácido Pereira, para a compra de uma perna articulada para substituir a que lhe foi amputada no hospital da Misericórdia.

José de Sousa, $4; António Braga, $10; Anónimo, $10; Freitas Ribeiro, $7; Joaquim Menezes, $30; José António Alves de Abreu, $10; J. A. Ferreira da Cunha, $10; Bento dos Santos Costa, $20; D. Amélia Cunha, $10; António Virgem dos Santos, $30; Manoel Ribeiro Guimarães, $10; João de Deus Pereira, $10; Manoel Joaquim de Castro, $10; João Rodrigues Loureiro, $20; Anónimo, $10;

Viação Cosme

Faz-se público que a carreira diária que desta cidade se dirige á de Braga às 5 horas, passados 8 dias, a contar da data do presente, sai às 6 1|2 horas.

A carreira diária que de Braga chegava a Guimarães às 19, de agora em diante chega às 18 horas.

Guimarães, 3 de Outubro de 1915.

O proprietário,

Manuel Alves da Silva Cosme.

Arrenda-se

Os baixos do prédio onde está instalado o Centro Republicano, na rua do Dr. Avelino Germano n.º 89.

Quem pretender dirija-se ao tesoureiro, José Fernandes Guimarães, á rua da República.

EDITAL

(1.ª Publicação)

A Comissão concelhia de Administração dos Bens Eclesiásticos de Guimarães:

Faz público que no dia 17 do corrente, às 12 horas, na administração do concelho, são arrematados em hasta pública, sob as bases de licitação abaixo indicadas, os passais e rendimentos seguintes:

S. João de Airão, por 20$00; Taboadelo, por 20$00; Sande, (Villa Nova), por 8$50; Vizela, (S. Faustino), por 80$00.

As condições dos arrendamentos acham-se patentes na secretaria da comissão, onde podem ser examinadas.

Guimarães, 7 de Outubro de 1915.

O presidente da Comissão,

Abel de Vasconcelos Cardoso.

EDITAL

A Comissão Executiva da Câmara Municipal do concelho de Guimarães

Faz público que, passados oito dias a contar da data dêste edital, os preços das carnes verdes neste concelho não poderão exceder os prefixados no art. 7.º da Lei n.º 459 de 24 de Setembro dêste ano, sob pena de contravenção e aplicação das multas legais.

Para conhecimento de todos se publica a parte da disposição da lei citada, que é do teôr seguinte:

Artigo 7.º

As Câmaras Municipais organizarão as tabelas dos preços das carnes de diversas espécies e classes. Nos concelhos de Lisboa e Pôrto êsses preços não poderão exceder a média de $32 por quilograma de carne de vaca, de $40 por quilograma de vitela, de $20 de carne de carneiro e de $34 de carne de porco; nos demais concelhos êstes preços deverão ser diminuidos em proporção com os encargos locais.

§ 1.º—As carnes de vaca de 4.ª classe (aba, peito, cachaço e chambão) não poderão ser vendidas por preço superior a $26 por quilograma.

§ 2.º—As Câmaras Municipais, sempre que seja necessário normalizar os preços, deverão abrir talhos onde seja vendida a carne pelos preços das tabelas que organizarem.

São êstes os preços das carnes que a Comissão Executiva da Câmara Municipal adoptou em sua sessão ordinária realizada no dia de ontem.

E para conhecimento de todos se publica o presente e outros de igual teôr nos lugares do costume e estilo.

Guimarães, secretaria da Câmara, 2 de Outubro de 1915. E eu José Maria Gomes Alves, chefe da secretaria, o subscrevi.

O Vice Presidente,

José Rodrigues Leite da Silva.

DISPONIVEL

COMPANHIA GERAL DE CRÉDITO PREDIAL

PORTUGUÊS

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

SÈDE SOCIAL: Travessa de Santo António da Sé n.º 21

LISBOA

Esta Companhia realisa actualmente empréstimos hipotecários a longo praso, cujo encargo, compreendendo juro, comissão, amortização e depreciação dos titulos, é inferior a 7 %, tendo os mutuários a faculdade de antecipar, os seus empréstimos, total ou parcialmente e em qualquer época, em dinheiro ou em obrigações da mesma taxa e tipo das que lhe foram entregues no acto do contracto.

Recebe e guarda nas suas magnificas CASAS FORTES quaisquer papeis de crédito «encarregando-se de receber os respectivos juros».

Pedir esclarecimentos ao seu correspondente nesta cidade EDUARDO M. D'ALMEIDA JUNIOR ou directamente à Séde da Companhia.

Casa Penhorista Vimaranense

Fundada em 1880

Propriedade de PEIXOTO & ROCHA

Legalmente habilitados

Operações sôbre valores de ouro, prata, platina, pedras preciosas e papeis de crédito

Rua da República, 144—GUIMARÃES

Leiam todos—Senhoras e Homens!

Dois assombrosos inventos scientficos !!!

☞ AMOSTRAS GRÁTIS

Não temendo insucessos e para que aqueles já iludidos com ineficazes especificos anunciados para os mesmos casos, **fornecemos, de graça,** os nossos dois preparados, a título de reclamo, para que se possa avaliar os seus surpreendentes efeitos. Quem nos remeter 100 rs, receberá uma elegante caixinha «Créme Richard» (seu valor 200 rs.) com a maneira de usar. De igual modo, por 200 rs., enviamos meio frasco do «Talisman dos Cabelos» (seu valor 400 rs.)

N. B.—Estas importâncias são unicamente para cobrir, em parte, as despesas de correio, frascaria, embalagem, impressos, rótulos, etc.

OBSERVAÇÃO — Só re recebe em pagamento vales postais, outras ordens ou estampilhas de continente da taxa de 25 rs.

O TALISMAN DOS CABELOS

de E' Richard, quimico-perfumista de Paris.

é o melhor tónico capilar!

E' o único que faz nascer o cabelo nos sitios onde tenha caido, impede a queda e o branqueamento; extermina a caspa (causa principal da calvicie) e fortifica-o; promove o seu crescimento, desengordura-o e dá-lhe flexibilidade, tornando-o expesso, brilhante e sedoso; mantêm a cabeça em irrepreensível asseio, perfuma-a agradávelmente, facilita e conserva o penteado.

Logo aos primeiros tempos de uso se começa sentindo os seus prodigiosos efeitos.

Preço

Um frasco grande 800 rs. Pelo correio 900 rs. Pelo correio registado 950 rs. Contra reembolso (pagamento no acto da recepção) 1$030 rs,

O CRÉME RICHARD

Realsa e conserva a formosura das senhoras novas; rejuvenesce e embeleza as de idade!

Torna a pele macia, lisa, alva e perfumada, livrando-a de sardas, panos, pontos negros, fendas nos peitos, mãos e lábios, cieiro, vermelhidão e escamas farináceas, desenvolve, enrija e arredonda os seios; encobre de maneira maravilhosa, os sinais de bexigas; fixa, invisivelmente, o pó de arroz, não empastando, preserva a cutis da acção do frio e calor.

E' usado, igualmente com vantagem, contra cravos, feridas, etc. Converte assim, por encanto, um rosto pálido, anémico e extremamente feio em formoso, adquirindo uma côr sàdia dum delicado setim e frescura.

Preço

Um boião grande 500 rs. Meio boião 300 rs. Pelo correio mais 25 rs. Pelo correio (registado) 75 rs. Contra reembolso (pagamento no acto da entrega) respectivamenta 720 e 520 rs.

Estes preparados não conteem substancias nocivas á saude.
Numerosos atestados comprovam o que afirmamos.

Pedidos a J. T. RACINE—R. dos Douradores, 187, 2.º—LISBOA

Confeitaria Parisiense

— DE —

DOMINGOS VINAGREIRO & F.os

Grande e variado sortido em pasteis.
Variedade em doces.
Especialidade em doce de óvos.
Vinhos de mesa, finos e espumosos.
Champagnes, Cognacs e licores.
Bolachas Nacionais e Estrangeiras das principais fábricas.

Especialidade em café á chavena da conhecida marca "A Brazileira,,

Serviço de chá

Manteiga da Cooperativa Vimaranense

Lunch's Sandwichs

Bombons e rebuçados de todas as qualidades.
Massas e farinhas alimentícias.
Chá café chocolates e cacau.
Mercearia de primeira qualidade.
Especialidade em queijo da Serra.

Executam-se encomendas para Casamentos, Baptisados e Soirées.

INSTITUTO DE "ASEPSIA,,

Laboratório de análises clínicas e de esterilizações

Sob a direcção técnica do analista Manuel Jesus de Sousa

50, R. da República, 54-1.º—GUIMARÃES

Análises de urinas, escarros, sangue, puz, leite, vinho, vinagre, queijo, manteiga, etc.
Preparação de empolas medicamentosas diversas, sôros em empolas vulgares e auto-injectoras, kefir, leite maternizado, etc.
Desinfecção de pensos e ferros cirúrgico pelo método de Pasteur.

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura		Preço das publicações	
Ano	1$200 rs.	Anuncios e comunicados, por linha	40 rs.
Semestre	600 „	Repetição, por linha	20 „
Brazil, ano (moeda forte)	2$500 „	Permanentes, contracto convencional.	
Número avulso	30 „	Anuncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA

Ao Cidadão